



CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

FABIA LORENA OLIVEIRA DA SILVA

**DICOTOMIAS DA ADOLESCÊNCIA EXPRESSAS NA POESIA DE
CECILIA MEIRELES: Um olhar docente para a formação integral do
aluno**

Itaituba – PA

2021

FABIA LORENA OLIVEIRA DA SILVA

**DICOTOMIAS DA ADOLESCÊNCIA EXPRESSAS NA POESIA DE
CECILIA MEIRELES: Um olhar docente para a formação integral do
aluno**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Itaituba (FAI) para
obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof. Ma. Mara Aparecida Pereira do
Nascimento.

Itaituba – PA

2021

FABIA LORENA OLIVEIRA DA SILVA

**DICOTOMIAS DA ADOLESCÊNCIA EXPRESSAS NA POESIA DE
CECILIA MEIRELES: Um olhar docente para a formação integral do
aluno**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Itaituba (FAI) para
obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof. Ma. Mara Aparecida Pereira do
Nascimento.

BANCA EXAMINADORA

Presidente/orientador: _____ Nota: _____
Prof.^a Ma. Mara Aparecida Pereira do Nascimento.

Avaliadora: _____ Nota: _____
Prof.^a Espc Walbea Lúcia Lobato Martins.

Avaliadora: _____ Nota: _____
Prof.^a Ma. Elines dos Santos Batista.

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA: 13 de agosto de 2021

*Dedico esse trabalho à Deus, pois é
tudo dele, por meio dele, e para ele todas
as coisas que acontecem em minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus a qual fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos.

Ao meu esposo Rogério e filhos pela compreensão, **Rogê Gabriel e Rael Lorenzo**, à minha mãe **Fátima** pelo companheirismo e orações.

Aos professores dessa Instituição de ensino que contribuíram para que eu chegasse até aqui, especialmente a minha orientadora **Mara Nascimento** por toda dedicação que colaborou para o enriquecimento do meu trabalho.

Aos meus colegas de curso pela troca de experiências que me permitiram crescer na minha vida pessoal e acadêmica.

A essa Instituição de ensino, Faculdade de Itaituba, a qual foi essencial no meu processo de formação profissional, por tudo que aprendi ao longo desses quatro anos.

Às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

A leitura precisa ser prazerosa, algo que os alunos gostem. Algo que os estimulem a ler (AZEVEDO, 2000).

RESUMO

Este estudo tem como objetivos promover reflexão quanto às escolhas positivas e negativas na fase da adolescência, sugerir proposta metodológica dentro da disciplina de Língua Portuguesa para o 9º ano, de modo a exercitar a oralidade por meio de debate em mesa redonda, desenvolver a interpretação textual por meio da compreensão da poesia, estimular o gosto pela leitura literária, chamar a atenção dos alunos para as obras de Cecília Meireles e aguçar o senso crítico reflexivo do alunado adolescente. A metodologia utilizada trata-se de uma pesquisa de natureza básica e de caráter exploratório e descritivo, de abordagem qualitativa, tendo como base levantamento bibliográfico de Cândido, Andrei, Curia, Libâneo, entre outros de igual importância para este estudo. Verificou-se que a formação integral do aluno é apresentada nos documentos de ensino (LDBs), mas talvez ainda só esteja no papel. Portanto, para que a educação formal possa se basear na formação plena para a cidadania e preparação para o mercado de trabalho, bem como para a vida, é preciso comprometimento docente. Na fase adolescência, em especial, se faz necessário um olhar docente para o educando como um ser em construção, que necessita de formação e mediação aos diversos saberes, bem como dos seus professores. Portanto, é imprescindível, conhecer, entender e acompanhar dinâmica e dicotomias da adolescência, momento que pode decidir o resto da vida de uma pessoa, conforme as suas escolhas. A literatura para o público infantil e adolescente é capaz de lapidar o imaginário e auxiliar na compreensão do mundo, na solução dos conflitos internos que parem em cada indivíduo desta idade (entre 13 e 16 anos, mais ou menos). É importante considerar que o professor semeia, cultiva e realmente trabalha para fazer brotar em cada um de seus alunos o gosto e a competência ou habilidade significativa para a leitura e escrita e para a vida. Conclui-se que a literatura infantojuvenil, em especial neste estudo, as poesias de Cecília Meireles, com certeza pode figurar como uma ferramenta metodológica eficiente para pautar as questões existenciais desta fase, no ensino fundamental, proporcionando a leitura do mundo, levando a interpretações que favorecerão na transformação da realidade.

Palavras-Chave: Poesia. Cecília Meireles. Metodologia. Formação integral.

ABSTRACT

This study aims to promote reflection on positive and negative choices in adolescence, to suggest a methodological proposal within the discipline of Portuguese Language for the 9th grade, in order to exercise orality through roundtable debate, to develop textual interpretation through the understanding of poetry, stimulate the taste for literary reading, draw students' attention to the works of Cecilia Meireles and sharpen the reflective critical sense of the adolescent students. The methodology used is a research of basic nature and exploratory and descriptive character, with a qualitative approach, based on a bibliographic survey by Cândido, Andrei, Curia, Libâneo, among others, of equal importance for this study. It was found that the student's integral education is presented in the teaching documents (LDBs), but perhaps it is still only on paper. Therefore, for formal education to be based on full training for citizenship and preparation for the labor market, as well as for life, it is necessary to commit teachers. In the adolescence phase, in particular, it is necessary to have a teacher's view of the student as a being in construction, who needs training and mediation to different types of knowledge, as well as that of their teachers. Therefore, it is essential to know, understand and follow the dynamics and dichotomies of adolescence, a moment that can decide the rest of a person's life, according to their choices. Literature for children and adolescents is capable of polishing the imagination and helping to understand the world, in solving the internal conflicts that hover in each individual of this age (between 13 and 16 years old, more or less). It is important to consider that the teacher sows, cultivates and actually works to bring out in each of his students the taste and competence or significant ability for reading and writing and for life. It is concluded that children's literature, especially in this study, the poetry of Cecilia Meireles, can certainly figure as an efficient methodological tool to guide the existential issues of this phase, in elementary school, providing the reading of the world, leading to interpretations that will favor the transformation of reality.

Keywords: Poetry. Cecilia Meireles. Methodology. Comprehensive training.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO	12
2.1 RELEVÂNCIA DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	12
2.2 A LITERATURA INFANTOJUVENIL: ASPECTOS HISTÓRICOS.....	16
2.3 A LITERATURA INFANTOJUVENIL NO BRASIL.....	17
2.4 CECILIA MEIRELES.....	21
2.5 OU ISSO OU AQUILO.....	27
3 METODOLOGIA APLICADA AO ESTUDO	31
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	34
4.1 PROPOSTA METODOLÓGICA.....	34
4.1.1 Introdução: A adolescência e seus aspectos conceituas.	34
4.1.2 Problematização: A dicotomia da adolescência.	37
4.1.3 Justificativa: Um olhar docente para a formação integral do aluno.	40
4.1.4 Objetivos, conteúdos, metodologia e atividades.	43
4.1.5 Metodologia.	44
5 CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso de Licenciatura Plena em Letras, tendo como tema as dicotomias da adolescência expressas na poesia de Cecília Meireles: um olhar docente para a formação integral do aluno, tem como objetivos promover reflexão quanto às escolhas positivas e negativas na fase da adolescência, elaborar e sugerir proposta metodológica dentro da disciplina de Língua Portuguesa para o 9º ano do Ensino Fundamental de modo a exercitar a oralidade por meio de debate em mesa redonda, desenvolver a interpretação textual por meio da compreensão da poesia, estimular o gosto pela leitura literária, chamar a atenção dos alunos para as obras de Cecília Meireles e aguçar o senso crítico reflexivo do alunado adolescente.

A concepção da adolescência enquanto fenômeno relacional aponta para implicações fundamentais para as ações educativas relativas a esta faixa etária. Portanto, a adolescência envolve uma série de significados paradoxais e controversos que precisa que o docente compreenda sua complexidade.

A profissão docente não se direciona apenas a função informativa de conteúdos programáticos. Também envolve a função formativa que aponta para a educação integral dos alunos, o que deve acontecer no âmbito de toda e qualquer disciplina trabalhada.

No caso da Língua Portuguesa, contando com matérias paradidáticos, como no caso, poesias, em especial de Cecília Meireles, escritora que deixou um legado fantástico de obras para a faixa etária adolescente. Tal desafio imposto é de dar conta da complexidade desta fase da vida.

A metodologia utilizada trata-se de uma pesquisa de natureza básica e de caractere exploratório e descritivo. Tem como base o levantamento bibliográfico trazendo apontamentos de Cândido, 1995; Andrei, 1999; Curia, 2012; Libâneo, 1998, entre outros de igual importância para este estudo. Para a análise dos dados coletados, utilizou-se do método da abordagem qualitativa.

Esta pesquisa estrutura-se trazendo na fundamentação a relevância da leitura literária no Ensino Fundamental, um panorama de histórico evolutivo da literatura infantojuvenil, inclusive no Brasil, e, um descortinar do caminho intelectual e poético percorrido por Cecília Meireles, lançando um olhar para sua composição poética "Ou isto ou aquilo", produzida em 1964.

Apresenta-se a metodologia, os resultados com a proposta metodologia e finaliza-se com a conclusão e com as referências utilizadas. Para esta referida explanação, contou-se com informação prestadas por Silva, em seu estudo intitulado Cecília Meireles: Literatura e Educação, realizado no ano de 2013.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 RELEVÂNCIA DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Para que o público infanto-juvenil ganhe “gosto” pela leitura é preciso uma reflexão que aponte para a visão de vários estudiosos. Os leitores são pessoas que sabem usufruir dos diferentes tipos de livros, das diferentes literaturas, sejam, científicas, artísticas, didático informativas, religiosas, técnicas, entre outras existentes. Conseguem, portanto, diferenciar uma obra literária e artística de um texto científico; ou uma obra filosófica de uma informativa (AZEVEDO, 2004).

Leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento.

No que tange a leitura, conforme Azevedo (2000), existem três categorias de crianças/adolescentes:

- Os que se tornarão leitores naturalmente, sem que seja necessário nenhum esforço para levá-los a isso;
- Os que não se tornarão leitores de jeito nenhum, por mais atraente que a leitura se apresente a eles;
- Aqueles que se tornarão leitores se forem adequadamente estimulados.

Acredita-se que a classe que precisa receber estímulo, depois de estimulada, pode render outros leitores. Esse estímulo há algum tempo atrás, era direcionado as crianças e adolescentes pelos próprios pais, no entanto, chegou-se há um tempo, em que esse estímulo foi afetado pelas classes sociais e pela tecnologia.

É possível compreender o quanto a leitura é fundamental para o desenvolvimento de uma visão cidadã. Que mais do que tudo tem o objetivo de “manter em exercício, a língua como patrimônio coletivo (ECO, 2003). Compreende-se que os textos didáticos são essenciais para a formação das pessoas, mas não formam leitores.

Houve um tempo em que o Ministério da Cultura incentivou muito a literatura nas escolas, possibilitando que todos tivessem acesso aos livros, inclusive possíveis leitores e famílias carentes. No entanto, não tiveram sucesso e não perduraram porque, por falta de preparo dos professores e mais ainda, por negligência da gestão

destas ações, “acabaram transformando o que deveria ser uma prática literária intuitiva, pessoal, prazerosa, livre, emocional, um contato espontâneo com o discurso poético e com a ficção em uma atividade didática, compulsória, impessoal e utilitária” (AZEVEDO, 2000).

A maioria dos professores não transmite o gosto pela leitura aos seus alunos, porque não tem o hábito de ler, ou seja, o próprio professor transmite aos alunos a leitura como uma obrigação, e não como um prazer. A leitura precisa ser prazerosa, algo que os alunos gostem. Algo que os estimulem a ler (AZEVEDO, 2000).

Tratar a literatura em sala de aula, como uma obrigação, afasta os alunos do objetivo principal e não forma leitores, forma apenas alunos aborrecidos e desmotivados a ler. Na verdade, infelizmente, a literatura voltou-se para algo comercial. Se não houver publicidade, não haverá venda e não haverá leitores. No final do século XIX a escola impulsiona as produções literárias infantis, garantindo a circulação destas obras e divulgando os projetos educacionais do governo e ideologias dominantes (CURIA, 2012).

Infelizmente no Brasil, vivemos uma crise literária onde somente é buscado o recurso de ler, quando o “possível leitor” tem a necessidade da leitura. “Estado, universidades, setor privado e organizações da sociedade civil discutem a relação entre leitura e inserção social, vinculando a importância da leitura à escola e revelando o surgimento e o desenvolvimento de políticas públicas que se ocupam em tornar melhor as condições de letramento da população” (FERNANDES, 2007, p. 10).

No entanto, o objetivo que deveria ser “formar leitores” acaba sendo um problema para as escolas. Já que essa meta está diretamente ligada à escolarização. No entanto, sem que haja um meio de estimular esses alunos a ler, de maneira prazerosa, ficará difícil alcançar esse objetivo.

O único meio de mudar essa realidade é seguindo o gosto do aluno. “O professor precisa partir do clássico do aluno, fomentar aquele gosto e mostrar toda a sua sensibilidade no querer fazer aquela prática, no querer formar o aluno leitor” (CURIA, 2012).

A realidade da nossa literatura somente mudará quando os alunos encontrarem na escola o caminho para “gostar de ler” e nas prateleiras os livros que eles gostem de ler. Assim, apesar do reconhecimento espontâneo da afirmação, ler é entender um texto, a escola contradiz, com certa frequência, tal afirmação ao basear o ensino da leitura em uma série de atividades que supõe que mostrarão aos meninos e às

meninas como se lê, mas nas quais, paradoxalmente, nunca é prioritário o desejo de que entendam o que diz o texto (COLOMER, 2002).

Os indivíduos que não dominam a prática da leitura consciente e significativa não são capazes de se comunicar com eficiência dentro da sociedade. Quanto mais acesso a língua escrita os alunos do ensino fundamental tiverem, mais preparados eles ficaram para enfrentar os desafios na aprendizagem e mais estimulados serão para a interpretação de assuntos diversos e para melhorar a própria escrita, expressão e desenvolvimento cognitivo e emocional (AZEVEDO, 2004).

O acesso à língua escrita também tem consequências no desenvolvimento intelectual dos indivíduos, pois as mensagens escritas podem ser analisadas e confrontadas com nossas ideias ou com as de outros textos. Isso favorece a apropriação da experiência e do conhecimento humano, pois permite transformar as interpretações da realidade feitas por outros, ou mesmo por nós, em algo material e articulado que pode ser desfrutado, contrastado, conceitualizado e integrado em nosso conhecimento do mundo (COLOMER, 2002). Nesse contexto considera a deficiência do indivíduo que não lê, de acordo com as concepções de leitura apontadas nessa pesquisa, em sua atuação dentro de uma sociedade democrática e seletiva.

A escola e a sociedade continuam preparando as crianças e os adolescentes, como se algo fosse realmente acontecer, não naquele momento palpável para os estudantes, mas num futuro que, em geral, é impossível de ser visualizado pelos próprios alunos, reiterando: A escola, em consonância com a sociedade, atribui à criança o estatuto de tutelado, de irresponsável (FOUCAMBERT, 1994).

Para aprender a falar, ela deve falar; mas o que diz não tem importância. Para aprender a escrever, deve escrever; mas o que escreve não serve para nada. Suas produções serão vistas com simpatia, como garantia de sua futura eficácia e como incentivo para que prossiga; basicamente, porém, o que ela produz não pode mudar nada no presente, o que é normal, pois são produções de alguém que ainda não age, por estar aprendendo a agir (FOUCAMBERT, 1994).

A escola precisa enxergar os alunos como cidadãos, uma vez que se nem a escola, nem a sociedade os veem como cidadãos, como eles próprios poderão ver-se assim (SILVA, 2009). O ponto de partida para toda e qualquer ação educativa relativa à população juvenil refere-se ao resgate do adolescente enquanto sujeito transformador. Os jovens precisam encontrar espaços de participação na família e na

escola para assumirem o protagonismo de sua história e de seu futuro na sociedade. Na escola, o adolescente tem oportunidade de viver experiências com novas figuras de autoridade, bem como com o grupo de pares.

A leitura literária auxilia o aluno no descobrimento do mundo e, conseqüentemente, em sua atuação social, em sua formação como cidadãos e membros de uma sociedade. Nos transmite a visão de que se a leitura tem seu papel na escola e na sociedade, ela tem também seu papel na formação do indivíduo atuante e transformador da realidade social (COUTINHO 1978).

A educação do importante contingente populacional formado pela juventude brasileira é, sem dúvida, o maior desafio que se coloca para as políticas sociais neste início de milênio. Somente um trabalho conjunto entre a escola, a família e demais instituições responsáveis pela proteção à infância e adolescência permitirá o pleno alcance desta meta que é prioritária no atual cenário brasileiro. Os adolescentes deixarão de representar apenas quantidade para se tornarem verdadeiros protagonistas do desenvolvimento social somente se tiverem acesso à educação que compreende tanto uma completa formação como a plena escolarização.

É necessário situar a escola como a instituição de vanguarda neste processo, uma vez que, juntamente com a família desempenha papel decisivo no processo de formação destes adolescentes enquanto sujeitos plenos, capazes de exercitar seus direitos e corresponder com seus deveres na sociedade brasileira que os integra como cidadãos (AZEVEDO, 2004).

A escola constitui referencial estruturante nesta fase importante da formação da personalidade que é a adolescência e, por este motivo, deve contemplar em seu projeto pedagógico atividades que promovam o amadurecimento do jovem. Cabe, pois, à escola, além das ações específicas da escolarização, assumir seu papel de instância formadora e de preciosa influência sobre a pessoa do adolescente em desenvolvimento.

A escola precisa parar de preparar os alunos e começar a trabalhar de forma a colocar os estudantes nos lugares que lhes são de direito: agentes transformadores da sociedade. É dever da escola promover o encontro do aluno com os diversos portadores de texto e primar pelo bom relacionamento entre eles, para que atividades de leitura e escrita sejam bem recebidas dentro da sala de aula e apresentem frutos fora do ambiente da instituição escolar (SILVA, 2009, p. 145).

Compreende-se, mediante o exposto, que é responsabilidade da escola, ir de encontro à necessidade de formar alunos melhores, dentro de um contexto social. Se para isso a literatura é uma ferramenta eficiente, então a escola deve estimular esse envolvimento das crianças e adolescentes com os livros e a leitura, garantindo que eles se sintam motivados a ler e buscar cada vez mais conhecimento e informação através da leitura.

2.2 A LITERATURA INFANTOJUVENIL: ASPECTOS HISTÓRICOS

Durante muito tempo a literatura se apresentou como conteúdo adulto, deixando de notar a riqueza criativa que habita as experiências da infância e da adolescência.

Em um momento histórico regido por ideias renovadoras que embasaram transformações consideráveis no contexto mundial, surge a literatura infantil. No final do século XVII, quando a criança ainda era vista como um adulto em miniatura, é publicado o livro *Histoires ou contes du temps passé*, primeiro registro escrito da literatura infantil de que se tem notícia (Silva, 2013, p. 241).

A origem do gênero infantojuvenil pode ser datada entre os séculos XVII e XVIII quando se passou a criança e suas especificidades e diferenças em relação aos adultos. Como todos os gêneros literários, as produções infanto-juvenis têm como fonte as narrativas populares advindas da oralidade, como exemplo, as histórias coletadas *La Fontaine* lá da antiguidade como fábulas de Esopo (CUNHA, 1987).

Ainda neste panorama literário, de coleta de relatos populares, destaca-se Andersen. Escritos pelo francês Perrault, cita-se contos populares europeus, classificados pelo próprio autor como textos para conservar a boa moral e costume. Embora, as histórias deste livro fossem encantadoras, sua “estética” era pouco atrativa e seu vocabulário dificultoso para as crianças. Apesar de Perrault publicar o primeiro livro infantil de contos, foram os irmãos Grimm quem de fato propagaram esta modalidade.

Por muito tempo também grande parte da produção destinada ao público infantojuvenil é, durante muito tempo, atrelada ao conceito pedagógico e instrucional fazendo com que os textos adquiram um caráter meramente didático e muito distante da essência estética (MOURA, 2016).

Esta configuração didática da literatura teve origem no século XVII com Fenélon (1651-1715), com o intuito de educar moralmente as crianças. Nessa época as histórias continham informações com o objetivo transmitir aos leitores o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado. As histórias tinham objetivos sociais e eram escritas com o simples fundamento de ensinar as crianças através dos contos e relatos, que faziam com que as crianças se encontrassem naquela história e sentissem-se motivadas a ser como aqueles personagens.

Na Europa os irmãos Jacob e Wilhem, estudiosos e poetas alemães, são os principais organizadores das fábulas infantis, para citando: Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e os Sete Anões. No ano de 1697, Perrault publica a obra Contos de Fadas ou Histórias do Tempo Antigo: Contos da Mamãe Ganso dando a devida atenção ao acabamento literário dos contos colhidos da tradição oral.

Assim como Perrault, os Grimm recolheram do folclore popular as suas histórias. Procuraram nas belas imagens e na linguagem os recursos e argumentos para embelezar suas narrativas e encantar os leitores. A partir do material registrado pelos irmãos Grimm, muitos autores atualizaram e recriaram as narrativas clássicas para diversas linguagens artísticas: cinema, seriado, teatro, entre outras (SILVA, 2013).

No final do século XVIII, alguns escritores mudam o rumo das estórias infantis e juvenis. A realidade da criança passa a ser retratada considerando a sua simbologia, sua afetividade, sua psicologia e o seu desenvolvimento cognitivo. Tudo isso por meio da linguagem literária, que permite à criança e ao jovem ver o seu universo sendo mimetizado lúdica e artisticamente.

2.3 LITERATURA INFANTOJUVENIL NO BRASIL

A literatura infantil, no Brasil, apresenta suas primeiras manifestações significativas no final do século XIX, quando se rompe o Império e se estala a República, sendo representada por escritores como Zalina Rolim e Figueiredo Pimentel. Até então, os livros acessíveis às crianças eram apenas as cartilhas para o aprendizado da escrita e treino da leitura, deste modo livro infantil foi desde logo associado ao livro didático, destinado à formação moral e afirmação da hierarquia social (SILVA, 2013).

O século XIX marca a consolidação da literatura infantojuvenil no mundo. No Brasil, o gênero desponta no final desse mesmo século com a contribuição de autores como Júlia Lopes de Almeida, Sílvio Romero e Câmara Cascudo. A maior parte dos textos desses autores é resultado de traduções de clássicos infantis europeus (CUNHA, 1987).

Despontam no país compilações de histórias do folclore nacional, tais como o Saci, Curupira, Lobisomem, Iara, Mula sem Cabeça, Boto, Vitória Régia, entre outros. Essas narrativas são retomadas na construção da identidade cultural brasileira (MOURA, 2016).

Portanto, compreende-se que no Brasil, a literatura infantil e juvenil também trazia obras pedagógicas. As crianças e os jovens devem ser educados para a literatura e não pela literatura. Assim como a produção adulta, a produção infantojuvenil deve ser considerada em sua máxima potência artística. Nessa visão, Cecília Meireles em sua atuação como educadora, jornalista, poeta e estudiosa do folclore, qual defendeu a ideia de que a literatura não é um mero instrumento pedagógico.

Em contradição a visão pedagógica sobre a literatura e o livro infantil, alguns escritores e teóricos defenderam outros objetivos para esta modalidade literária, é o caso de Monteiro Lobato (SILVA, 2013).

Nessa direção, Monteiro Lobato proporcionou nova roupagem a literatura infantojuvenil brasileira, entendendo a necessidade de renovação dos contos tradicionais apontando para a linguagem mais espontânea, assim como as crianças e jovens são, cenários que refletissem a diversão que permeia o imaginário destas faixas etárias, trazendo personagens mais fantasiosos (CUNHA, 1987).

É possível datar que no Brasil, a literatura infanto-juvenil teve início com Monteiro Lobato. A primeira obra de Monteiro Lobato é *Narizinho Arrebitado* e, além da *Narizinho*, inúmeros outros personagens permeavam o imaginário: *Pedrinho*, *Cuca*, *Emília*, *Dona Benta*, *Tia Nastácia*, *Visconde de Sabugosa* e toda a turma do famoso *Sítio do Pica-Pau Amarelo* (MOURA, 2016).

Cita-se autores da literatura infanto-juvenil brasileira:

•**Monteiro Lobato** - Contista, ensaísta e tradutor. Formado em Direito, atuou como promotor público até se tornar fazendeiro, após receber herança deixada pelo avô quando passou publicar seus primeiros contos em jornais e revistas. Suas

personagens mais conhecidas são: Emília, uma boneca de pano com sentimento e ideias independentes; Pedrinho, personagem que o autor se identifica quando criança; Visconde de Sabugosa, a sabia espiga de milho que tem atitudes de adulto, Cuca, vilã que aterroriza a todos do sítio, Saci Pererê e outras personagens que fazem parte da inesquecível obra: O Sítio do Pica-Pau Amarelo, que até hoje encanta muitas crianças e adultos (CEREJA; MAGALHAES, 2005).

•**Vinicius de Moraes**, poeta lírico que ficou conhecido pelo seu romantismo e seus sonetos. O qual teve uma morte marcante para todos os apreciadores de suas obras “Na noite de 9 de julho de 1980, acertando detalhes com Toquinho sobre as canções do álbum "Arca de Noé", Vinicius alegou cansaço e que precisava tomar um banho. Na madrugada do dia seguinte Vinicius foi acordado pela empregada, que o encontrara na banheira de casa, com dificuldades para respirar” (SOUZA, 2015).

•**Mauricio de Souza**, maior cartunista brasileiro voltado para o mundo infantojuvenil, mas que agrada também os adultos e criador da famosa "Turma da Mônica". Mauricio nasceu no dia 27 de outubro de 1935, em Santa Isabel, São Paulo, filho do barbeiro Antônio Mauricio de Sousa e da poetisa Petronilha Araújo de Sousa e deve ter herdado de sua mãe o gosto pela arte (CEREJA; MAGALHAES, 2005).

•**Tatiana Belink**, publicou livros em prosa e versos, além de traduções, adaptações e recontagens. Colaborou na TV Cultura e em importantes jornais como crítica de literatura infantil e juvenil e de teatro. Recebeu inúmeros prêmios, entre eles: Mérito Educacional e Jabuti de Personalidade Literária do Ano, concedidos pela Câmara Brasileira do Livro; dois Monteiro Lobato de Tradução da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Foi, ainda, premiada em 1979 pelos 30 anos de atividades em Teatro e Literatura Infanto-Juvenil pela Associação Paulista de Críticos de Arte (CEREJA; MAGALHAES, 2005).

•**Ana Maria Machado**, já foi professora, jornalista, fez programas de rádio e deixou tudo para viver só de Literatura Infanto-Juvenil. Escreveu mais de cem histórias para crianças e jovens, pelas quais recebeu um importante prêmio internacional – a Medalha Hans Christian Andersen – dado pela Organização Internacional do Livro para Crianças e Jovens (IBBY), além das principais premiações nacionais.

Recentemente, recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto de sua obra. Também publicou alguns romances para o público adulto. Em sua obra é visível a preocupação com as questões existenciais, a identidade dos povos latino-americanos ("De Olho nas Penas") e brasileiro, os ritos de passagem ("Bem do seu Tamanho"), entre outras questões (CEREJA; MAGALHAES, 2005).

•**Ruth Rocha**, escritora com 130 livros publicados para o público infanto-juvenil e 10 milhões de exemplares vendidos, sendo 2 milhões no exterior. Já Pedro Bandeira, se destacou com a obra "A Droga da Obediência". Recebeu, entre outro, o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do livro. Autor de Literatura Juvenil mais vendido no Brasil e, como especialista em técnicas especiais de leitura. Já escreveu mais de 50 livros, entre eles a série "Os Karas", "A marca de uma lágrima", "Agora estou sozinha...", "A hora da verdade" e "Prova de Fogo" (CEREJA; MAGALHAES, 2005).

•**Elias José**, professor de literatura e sempre trabalhou com textos literários, seus ou alheios. Começou a escrever muito cedo, no colegial, fazendo jornal de escola. Hoje, são mais de cem livros, para adultos, jovens e crianças. Muitos foram premiados, e alguns de seus contos e poemas traduzidos e publicados no exterior. Já Mary França, ficou conhecido pela autoria da Coleção Gato e Rato, dedicada especialmente à criança que está sendo alfabetizada. Mary França estreou na literatura infantil em 1973, com o livro "O menino que voa". Em 1978, já em parceria com Eliardo, publicou os primeiros livros da Coleção Gato e Rato, cujo texto vivo e lúdico e as belíssimas ilustrações já encantaram milhares de crianças brasileiras e estrangeiras (CEREJA; MAGALHAES, 2005).

•**Jorge Amado**, autor mais adaptado da televisão brasileira, verdadeiros sucessos como Tieta, Gabriela e Tereza Batista são criações suas, além de Dona Flor e Seus Dois Maridos.

•**Ziraldo** – Cartunista, chargista, pintor, dramaturgo, caricaturista, escritor, cronista, desenhista, humorista, colunista e jornalista brasileiro. É o criador de personagens famosos, como o Menino Maluquinho, e, atualmente, um dos mais conhecidos e aclamados escritores infantis do Brasil.

•**Maria Clara Machado**, escritora e dramaturga brasileira, autora de famosas peças infantis. Fundadora do Tablado, escola de teatro do Rio de Janeiro. Literatura infanto juvenil na contemporaneidade. Apesar de o Brasil possuir uma gama significativa de bons autores, acredita-se que o que realmente falta na literatura brasileira, é um pouco mais de investimento em “publicidade”. Atualmente, os leitores, estão voltados para uma visão mais tecnológica. Os avanços da atualidade, a globalização e a mídia, tem feito com que o olhar das crianças e adolescentes, esteja voltado para a tecnologia.

•**Cecília Meireles**, foi uma poetisa, professora e jornalista brasileira. Eva Furnari - dedicou-se inicialmente a livros com ilustrações, sem texto. Colaborando com a Folhinha, suplemento infantil do jornal paulistano Folha de S. Paulo, criou sua personagem mais famosa: a Bruxinha. Como autora infanto-juvenil e como ilustradora recebeu o Prêmio Jabuti, nos anos de 1986, 1991, 1993, 1995, 1998 e 2006. Em 2002 foi escolhida para ilustrar a reedição de seis livros da obra infantil de Érico Veríssimo. A obra de Furnari, composta essencialmente de pequenos livros, é uma das mais profícuas na Literatura infantil brasileira atual. Como a própria autora revelou, numa entrevista, a ilustração precedeu a produção literária - mas foi nesta última que veio efetivamente a se destacar. Agora completando 62 anos pretende não parar nunca de escrever (CEREJA; MAGALHAES, 2005).

Em suma, a obra do escritor e jornalista Monteiro Lobato, foi um marco na história da literatura infantil, pois abordou o imaginário infantil visando não somente formar e moralizar a criança, mas também contribuir para desenvolvimento da fantasia do leitor mirim. Na perspectiva de uma nova visão sobre a literatura infantil, há a grande contribuição da escritora Cecília Meireles, qual é objeto de estudo deste Trabalho de conclusão de curso, mais especificamente, sua obra poética “Ou isso ou aquilo”.

2.4 CECILIA MEIRELES

Antes de lançar um olhar para valiosa e inovadora composição poética de tão obra, “Ou isto ou aquilo”, é de suma importância conhecer o caminho intelectual e poético percorrido por Cecília Meireles. Para esta referida explanação, contou-se com

informação prestadas por SILVA, em seu estudo intitulado Cecília Meireles: Literatura e Educação, realizado no ano de 2013.

Cecília nasceu no Rio de Janeiro em 7 de novembro de 1901. Órfã de pai e de mãe aos três anos de idade, é educada pela avó materna, Jacintha Garcia Benevides, natural da ilha de São Miguel, nos Açores. Essa avó exerce muita influência sobre a sua formação, cultivando no espírito da futura escritora, desde cedo, o interesse pela pátria portuguesa, sobretudo os Açores, assim como pela cultura indiana e pelo Oriente como um todo. Provavelmente é essa ascendência açoriana que imprime no imaginário da autora o tema da viagem como um apelo recorrente na sua produção literária, que surge inclusive no título de uma de suas obras (IGEL, 1975).

A mãe, Matilde Benevides Meireles, era professora e o pai, Carlos Alberto de Carvalho Meireles, funcionário do Banco do Brasil. Cecília Meireles perdeu a mãe com apenas três anos de idade e não chegou a conhecer o pai, foi criada pela avó, D. Jacinta Garcia Benevides. Com isso, conviveu desde muito cedo com a morte, chegou e escrever sobre como aprendeu as relações entre o que é passageiro e o que é eterno, segundo ela: "A noção ou o sentimento da transitoriedade de tudo é o fundamento mesmo da minha personalidade" (IGEL, 1975).

Casou-se em 1922 com Fernando Correia Dias, um artista plástico com quem teve três filhas. O marido cometeu suicídio em 1935 em razão da depressão. Viúva, casou-se novamente em 1940 com Heitor Vinícius da Silveira Grilo, professor e engenheiro agrônomo.

Cecília trabalhou também como professora, jornalista e pintora. Como professora, deu aulas no primário e, entre 1935 e 1938 na Universidade do Brasil, atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro. Chegou a dar aulas de Literatura e Cultura Brasileira também no exterior, na Universidade do Texas. Atua no "A Manhã" e na revista "Observador Econômico" (IGEL, 1975).

Cecília Meireles é tradicionalmente classificada como uma autora modernista, mais especificamente da 2ª fase do movimento, mas sua obra apresenta influências simbolistas, românticas e parnasianas. É possível perceber a musicalidade nos escritos de Cecília. A escritora utiliza técnicas literárias tradicionais para compor seus versos, a estruturação do soneto é um exemplo. Ainda é importante lembrar que são temas constantemente retratados em seus poemas a morte, o amor, o eterno e o efêmero. A morte se fez presente muito cedo na vida da autora, que perdeu a mãe

com apenas três anos de idade. Assim, é perceptível o quanto a vida pessoal se insere na obra literária de Meireles (IGEL, 1975).

A ligação com a literatura começou logo aos nove anos, quando escreveu os primeiros poemas. O primeiro livro, "Espectros", foi publicado em 1919. A época em que escrevia tinha influência modernista, mas a literatura de Meireles apresentava características de diferentes movimentos, como romantismo, classicismo, realismo, parnasianismo e, em especial, o simbolismo (IGEL, 1975).

No período de 1920 até 1960, Cecília Meireles estudou folclore, conheceu outros países, escreveu crônicas informativas e literárias, foi reconhecida pela Academia de Letras e consagrada como uma das grandes poetisas do século XX. Neste intervalo publicou obras como Giroflê, Giroflá, A festa das letras, Olhinhos de gato para só então, em 1964, ano de sua morte, publicar e consagrar Ou isto ou aquilo como leitura oficial, desta vez não para alunos, mas para almas sensíveis (SILVA, 2013).

Órfã aos 3 anos, Cecília Meireles foi entregue aos cuidados de sua avó paterna. Teve uma infância solitária. Durante sua infância pode conhecer o vasto universo folclórico na versão de sua mãe e de sua avó, observa-se a fala da autora, em entrevista à Revista Manchete, em abril de 1964 (SILVA, 2013).

"Recordo céus estrelados, tempestades, chuva nas flores (...) retratos de álbum, o uivo dos cães, o cheiro do doce de goiaba, todos os tipos populares, a pajem que me contava com a maior convicção histórias do saci e da Mula-sem-cabeça (que ela conhecia pessoalmente); minha avó que me cantava rimances e me ensinava parlendas..."

Percebe-se que seu gosto pelo livro, como ela mesma afirma "transformou-se numa vocação de magistério". Assim, com 17 anos diplomou-se professora, passando a atuar em classes primárias, empenhando-se também no estudo de música. Como já dito anteriormente, publica seu primeiro livro infantil no ano de 1924 (SILVA, 2013).

Ainda na década de 1920, Cecília Meireles inicia-se em pesquisas sobre folclore açoriano e envolve-se em projetos educacionais. Mais tarde em suas crônicas escritas para os jornais Diário de Notícias e A manhã, entre 1930 e 1933, mostra-se interessada em contribuir para a reforma educacional que se almejava no momento. Defendeu suas ideias com voracidade e não poupou críticas ao que lhe parecia

incorreto como a abordagem religiosa da escola, reformas governamentais, conflitos internacionais, censura à imprensa, entre outros (SILVA, 2013).

Agora, mais experiente e crítica, condenava o uso pedagógico da literatura com fim moralizador. Esta nova visão acerca da literatura infantil está diretamente ligada a pesquisas e transformações sobre educação e folclore nas quais se empenhava. Embora, tenha avançado sua percepção literária, a escritora ainda apresenta concepções tradicionais quanto a educação de sua época (SILVA, 2013).

Defende, por exemplo, noções um tanto equivocadas sobre a formação do professor, ignorando-o como um ser humano que deve ter vida própria, que erra e acerta, afirmando: “O educador não tem direito de se pertencer. Sua profissão é de exemplo.” (Rio Janeiro, Diário de Notícias, 1º de outubro de 1930) (SILVA, 2013).

O objetivo maior da literatura infantil, para a poeta, era sensibilizar o leitor, deixando para textos folclóricos e outros as tarefas pedagógicas. A composição do livro infantil foi uma das discussões a que se dedicou. Em sua crônica do dia 28 de junho de 1930, publicada no Diário de Notícias, a jornalista Cecília Meireles abre o debate sobre o tema afirmando: “Pensar em organizar criteriosamente uma biblioteca infantil é ter de lutar, desde logo, com uma dificuldade que inutiliza esse bom propósito: a falta de livros para crianças, entre nós” (SILVA, 2013).

Para a escritora “escrever para crianças tem de ser uma ciência e uma arte, ao mesmo tempo”. Apesar da percepção de Cecília Meireles sobre literatura infantil, exposta no livro Criança meu amor, apresentar algumas modificações na década de 30, é no período de 1940 a 1943 que se nota uma maior maturidade da educadora. Cecília Meireles defendeu a valorização do folclore brasileiro afirmando “As coisas populares são as que caracterizam, identificam um país; as que lhe dão personalidade” (Rio de Janeiro. A Manhã, 29 de agosto de 1941) (SILVA, 2013).

Acreditava que a formação das crianças em seus vários aspectos deveria apoiar-se nas manifestações folclóricas do Brasil. Embora defendesse o prestígio da cultura brasileira buscou soluções para problemas nacionais em modelos estrangeiros. Exemplo disto é a ideia de organização universitária que expôs em sua crônica “Espírito Universitário”, claramente inspirada no modelo acadêmico dos Estados Unidos (SILVA, 2013).

Nestas crônicas encontramos assuntos variados como turismo, culinária, etiqueta e outros, manifestando a diversidade do termo educação entendido pela cronista. Literatura infantil Cecília Meireles volta-se para o estudo e a discussão da

literatura infantil não apenas nas suas crônicas, mas também em as conferências, as quais resultaram em um livro “Problemas da literatura infantil”. Neste livro ela trata de temas como a classificação, surgimento e a crise da literatura infantil, o conceito de livro infantil e questões referentes à formação do leitor. Uns dos grandes problemas da literatura infantil, abordados neste livro é o conceito de livro infantil (SILVA, 2013).

A literatura na escola, geralmente, é apresentada à criança por meio do livro, sendo assim é preciso entender o que é e como é este livro. Segundo a escritora, para ser uma obra literária não basta que o livro exponha um amontoado de palavras provenientes de um vocábulo simples, caracterizando-se em um estilo fácil que pretende passar ao leitor “ensinamentos que o adulto julga interessante para ela” (Problemas da literatura infantil, p.29) (SILVA, 2013).

Um livro infantil deve tratar de assuntos de interesse da criança e não dos adultos, deve formar-se por um vocabulário que não exceda nem subestime a capacidade do leitor mirim. No panorama histórico feito por Cecília Meireles são citados La Fontaine, Perrault, Fénelon, Júlio Verne, Defoë entre muitos outros, todos autores estrangeiros. Vale aqui comentar que as obras da segunda geração modernista apresentavam maior engajamento com os aspectos sociais. As produções, respeitando a liberdade artística, ainda continham elementos nacionais, mas sem os excessos do experimentalismo dos anos de 1920, ou seja, da primeira fase. Nesta fase objetivam compreender a relação entre indivíduo e sociedade (HARDMAN e MARSHAL 2000).

Cecília Meireles é considerada uma das poetisas mais importantes da literatura brasileira. A carioca atuou ainda como jornalista e professora, profissão pela qual tinha muito apreço. Além da carreira literária, o papel na educação também é lembrado. Cecília fundou a primeira biblioteca infantil do país e trabalhou na Rádio Ministério da Educação quando já estava aposentada. “Romanceiro da Inconfidência”, “Viagem” e “Ou isto ou aquilo” são algumas obras que marcam a carreira da escritora, pela segunda, inclusive, Cecília ganhou o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras. O Prêmio Machado de Assis foi concedido pelo conjunto da obra (HARDMAN e MARSHAL, 2000).

Silva (2013) ainda comenta que a poeta aponta neste livro sua visão de literatura infantil como forma maior de formação da sensibilidade do leitor e não como veículo de informações que os adultos julgam necessárias à formação moral e social.

Um deles é *Criança meu amor*, primeiro livro infantil da autora, publicado em 1924 e adotado como leitura oficial em escolas públicas (SILVA, 2013).

Criança meu amor Criança meu amor: é uma obra predominantemente em prosa, escrita por C. Meireles, em 1924. Os 37 textos deste livro expõem conselhos de comportamento e pensamento destinados a crianças de séries iniciais, características comuns dos livros infantis da época. Não foi por acaso que *Criança meu amor* foi adotado como leitura obrigatória nas escolas públicas do Rio de Janeiro (SILVA, 2013).

Ele é composto por textos em prosa que apresentam lições moralizantes. Apenas por este livro, veríamos Cecília Meireles como uma escritora conservadora que objetivava a permanência do conceito de livro literário infantil associado ao de livro didático- instrumento para ensinar os valores morais. Porém, é preciso considerar que, no ano de publicação de *Criança meu amor* a autora tinha apenas 23 anos e encontrava-se inserida em um contexto educacional tradicional (SILVA, 2013).

Mensagens como a do texto *O bom menino*, eram primadas pelo sistema conservador deste contexto, afinal crianças devem crescer humildes, modestas e obedientes. A finalização deste texto tende a ser um convite às crianças para que sigam o exemplo do menino (Qual de vocês é ele?), mostrando o objetivo moralizante em sobreposição ao valor literário da obra (SILVA, 2013).

Neste texto como em outros percebe-se que o objetivo do livro é transmitir conceitos e pensamentos prontos e não levar a criança a uma reflexão mais apurada, deixando de lado a função maior da leitura literária, o prazer. Sendo assim entende-se que os preceitos de Cecília Meireles sobre literatura infantil e sua função não se justifica nesta obra (IGEL, 1975).

Cecília Meireles é reconhecida hoje como uma das mais importantes vozes líricas da literatura brasileira e das literaturas de língua portuguesa. Seu lirismo é marcado pela exploração sonora da língua e por movimentos rítmicos que conferem musicalidade aos versos e, ao mesmo tempo, ajustam-se aos movimentos da alma. O vigor das imagens, a qualidade formal dos versos, a variabilidade das formas poéticas (soneto, canção, epigrama, elegia, aliados ao tratamento filosófico dado aos temas, explicam esse lugar especial que Cecília ocupa na história da nossa poesia (CEREJA; MAGALHÃES, 2005).

Cecília Meireles foi a primeira mulher a ter um papel de destaque na poesia brasileira. Seus poemas de grande sensibilidade, valorizavam a intuição e a emoção

com formas de interpretar o mundo. Com o uso de formas poéticas simples, como a cantiga, Cecília Meireles desenvolveu temas como o amor, o tempo, as decisões, escolhas e caminhos a serem tomados, a fugacidade das coisas e a transitoriedade e a efemeridade da vida.

2.5 OU ISSO OU AQUILO

Lançado em 1964, o livro *Ou isto ou aquilo* reúne 57 poemas. A obra é um clássico da literatura brasileira infanto-juvenil que vem percorrendo gerações. Na coletânea, Cecília Meireles brinca com as palavras e apresenta o mundo às crianças a partir de um olhar leve e simples.

Uma das obras literárias de maior prestígio dedicadas ao público mirim, *Ou isto ou aquilo* é o último livro infantil escrito por Cecília Meireles. Os poemas que podemos encontrar nas páginas deste admirável livro, apuram a sensibilidade e cultivam o imaginário do leitor.

Este livro rompe os vínculos estabelecidos entre literatura e pedagogia até o século XX. Ressalta-se que segunda geração modernista brasileira (1930) também é chamada de o romance de 30, ou geração dos 30, pois trazia artistas que já vinham de rompido com as tradições, o que os levou a experimentar várias possíveis formas de expressão (CEREJA; MAGALHÃES, 2005).

O poema *Ou isto ou aquilo*, incluído na obra que leva o mesmo nome, publicada em 1964, é uma das maiores criações de Cecília Meireles (1901-1964) e fala sobre a dificuldade de escolhermos (FERREIRA, 2020). Trata-se, pois, de um lirismo apurado e uma sensibilidade elevada. Contudo, no conjunto da obra infantil de Cecília Meireles encontramos livros que se opõem ao ideário de *Ou isto Ou Aquilo* (FERREIRA, 2020). Observa-se seus versos:

OU ISTO OU AQUILO
Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.

*É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!*

*Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.*

*Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!*

*Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.*

*Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.*

O poema traz exemplos cotidianos e práticos com os quais a criança ou adolescente pode facilmente se relacionar. Outro elemento comum nas criações tão diferentes é que, em todos os poemas há muito uso da repetição e se procura alcançar uma musicalidade de modo a facilitar a memorização (SILVA, 2013).

Ou isto ou aquilo fala sobre o universo infantojuvenil os jogos, a relação entre as crianças, as brincadeiras, os dilemas que vão se apresentando. Apesar de ter muitos temas leves, a obra também não foge de assuntos complicados como a solidão, o medo e a angústia. Embora sejam questões difíceis de serem abordadas com as crianças e adolescentes, os temas são apresentados com delicadeza, o que facilita a absorção. O livro também é rico porque reúne vários gêneros de composição como cantigas de ninar, parlengas e trava-línguas (SILVA, 2013).

O poema *Ou isto ou aquilo* fala sobre a **importância das escolhas** e se identifica com a condição indecisa da criança. Os versos mostram como as escolhas são obrigatórias, não escolher já é fazer uma escolha, não é possível fugir das situações que se apresentam no nosso dia a dia. Viver é, portanto, optar por caminhos diferentes, e é essa dificuldade da qual não se pode fugir, que Cecília Meireles mostra aos pequenos leitores (SILVA, 2013).

O poema gera identificação com a criança e com o adolescente que começa a ser apresentada aos dilemas da vida à medida que vai crescendo: brincar ou estudar? Correr ou ficar sossegado? Através da poesia, o leitor vai tomando consciência de que, muitas vezes, é preciso abrir mão daquilo que se quer em nome de outra coisa que também se deseja. Frequentemente nos encontramos em situações onde é preciso sacrificar algo para conseguir a outra hipótese (SILVA, 2013).

Escolher é, portanto, de uma certa forma, sinônimo de sofrer, e Ou isto ou aquilo nos ajuda a aceitar a incompletude, a processar a falta e a nos conformarmos de que não podemos ter. Os poemas de ou isto ou aquilo expressão a preocupação da autora com a forma. Utilizando-se de vocabulário bem selecionado, construção e figuras de linguagens Cecília Meireles conseguiu penetrar o imaginário do leitor mirim ou adulto (FERREIRA, 2020).

O ritmo sugestivo, as rimas adequadamente compostas e os temas mais variados e surpreendentes induzem um discurso democrático entre livro e leitor que, ao invés de ditar regras de comportamentos e limitar a imaginação, sugere um mundo de sonhos e liberdade de pensamento (FERREIRA, 2020).

A construção de imagens é um dos pontos centrais desta obra. No poema Leilão de jardim, insinua-se a construção mental de uma paisagem que se constitua em um jardim que se alternará em cores, cheiros, formatos e outros aspectos de acordo com o seu leitor. É qual seria a intenção da leitura deste poema, se não a de aflorar a sensibilidade da criança em virtude da beleza e liberdade da vida e do mundo (FERREIRA, 2020).

Através da poesia, o público infantojuvenil compreende, com exemplos práticos, as consequências da escolha: “se calça a luva e não se põe o anel / ou se põe o anel e não se calça a luva!”. Pequenas situações, como a necessidade de se optar pela luva ou pelo anel, ilustram uma das muitas dificuldades que nós, leitores, iremos encontrar assim que nos levantamos da cama (FERREIRA, 2020).

O poema que dá nome ao livro traz claramente a temática da “escolha”. A utilização da forma “ou... ou” nos remete a questão de impossibilidade de dominar ou possuir o todo, de forma muito concreta, apesar de sensível esse poema revela a criança uma das maiores máximas da vida, mostra que toda escolha gera uma renúncia (SILVA, 2012).

A perda de seus pais fez com que Cecília desde muito cedo aprendesse lidar com a falta, com a ausência e com a solidão, num segundo plano de leitura é justamente isso que encontramos nesse poema, pois, por exemplo, se o “eu” desse poema optar por colocar luvas, automaticamente estará optando pela ausência do anel (COELHO, 1980).

Ao fim do poema o eu lírico nos revela, “Mas não consegui entender ainda Qual é melhor: se é isto ou aquilo”. Ora, a incerteza e a dúvida muitas vezes são acompanhadas da angústia, já que é necessário se decidir entre “isto ou aquilo”. Essa

criança não conseguiu entender ainda o que é melhor, e possivelmente nunca entenderá, pois, apesar de dirigido a uma criança, esse poema pode muito bem sensibilizar a um adulto, pois as escolhas nunca nos abandonam, pelo contrário, vão ficando mais urgentes, mas sérias e mais difíceis (SILVA, 2012).

Se no poema “Ou isto ou aquilo” estamos diante de uma impossibilidade de muito diferente que encontramos. A menina que é retratada como manhosa também se sente impossibilitada de algumas coisas, aqui não porque terá que fazer renúncias, mas sim porque descobre a imperfeição das coisas. O banho quente causa calor, o banho frio, arrepio; o banho morno seria uma solução, mas a criança ainda não possui equilíbrio, suas emoções são intensas e todos os seus sentimentos potencializados (SILVA, 2012).

Nas escolhas do poema as perdas estavam ligadas a ganhos, se não escolhia por sentia confusa. A decisão a ser tomada é muito difícil, por isso a ilustração traz todos os elementos do poema, afinal não cabe a ilustradora escolher, nem ao poeta ou ao professor, cabe somente a criança. Assim vemos na imagem abaixo o anel e a luva, o doce e o dinheiro, o sol e a chuva e não um ou outro. E no meio de todas essas possibilidades está a criança, que ao invés de feliz por conjugar todos seus desejos, aparenta tristeza e angústia por saber que cedo ou tarde terá de escolher (SILVA, 2012).

Nessa dinâmica de escolhas, de questionamento, onde um pré-adolescente, por exemplo se encontra em um emaranhado de sentimentos e sensações inerente a fase de seu desenvolvimento, o papel do professor é extremamente significativo e pode fazer a diferença para as escolhas, o que aponta para um profissional que compreende que sua função não se restringe apenas a informar conhecimentos de conteúdos programáticos. Entendendo, assim, que sua função docente, no caso, de língua Portuguesa e outras linguagens, também é auxiliar estes alunos que estão em desenvolvimento físico, biológico e psicológico, o que aponta para a qualidade do ensino escolar, mais especificamente para a formação integral do alunado.

3. METODOLOGIA APLICADA AO ESTUDO

Gil (2007), define pesquisa como um meio que possibilita respostas para um problema, assim enfatizado que com isso há uma busca de informação que venha a agregar embasamento para ideia que está sendo abordada em um determinado estudo.

Uma pesquisa representa a atividade básica da Ciência, visto que, na sua indagação e construção da realidade, estabelece vínculo entre o pensamento e ação. (MAGALHÃES, 2007, p. 16). “A pesquisa acontece por meio de processo formal e sistemático desenvolvimento pelo emprego de procedimentos e métodos científicos, com objetivo de buscar respostas para fenômenos e ou problemas mediante os científicos” (GIL, 2002, p. 42).

Assim sendo, a modalidade de pesquisa escolhida para o desenvolvimento do estudo é a qualitativa que segundo Magalhães (2007, p. 21):

[...] Responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis [...].

De tal modo, entende-se que a pesquisa qualitativa trabalha a questão da subjetividade, o olhar do pesquisador vai além do que está vivenciando no campo de pesquisa, não se prendendo apenas ao que é visto a olho nu, mas interpretando os dados coletados além do que estes diretamente querem dizer. Segundo

“Pesquisador. Abrange desde os levantamentos, que são mais descritivos, até estudos mais analíticos [...]”. (SEVERINO, 2007, p. 123).

Ao ser elabora um trabalho é necessário que se faça uma breve avaliação para saber se é necessário ou não algum tipo de pesquisa. A maior parte dos trabalhos científicos é comum ter que desenvolver pesquisas para ter noção de que os trabalhos se referi.

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa descritiva, na mesma foi constatado que a Literatura estava passando por um processo rigoroso que para voltar a ser o que era no passado, dependia de uma boa estratégia para que atraísse as atenções das pessoas.

Uma das finalidades da pesquisa descritiva é observar, registrar e analisar os fenômenos ou sistemas técnicos, sem, contudo, entrar no mérito dos conteúdos. É válido enfatizar que neste tipo de pesquisa é muito visado os seguintes dados dentro de seu espaço de informação, a vida do entrevistado, o espaço social em que o mesmo convive, idade aí vem a representação da pesquisa e o tema em que a pesquisa se referem à pesquisa descritiva e bem detalhista em sua busca de conhecimento.

O pesquisador Gil (2002, p. 44) diz que:

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Desta forma nota-se que a pesquisa descritiva visa mais àquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo ou nações: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de renda, estado de saúde física e mental etc. outras pesquisas deste tipo são as que se propõem estudar o nível de atendimento dos órgãos públicos de uma comunidade, as condições de habitação de seus habitantes, índice de criminalidade que aí se registra etc. são incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população.

Também as pesquisas descritivas aquelas que visam descobrir a existência de associações entre variáveis, como, por exemplo, as pesquisas eleitorais que indicam a relação entre preferência político-partidária e nível de rendimentos ou de estabelecimentos ou de escolaridade.

Neste tipo de pesquisa não pode haver interferência do pesquisador, que deverá apenas descobrir a frequência com que o fenômeno acontece ou como se estrutura e funciona um sistema, método, processo ou realidade operacional. Uma das finalidades primordial da pesquisa descritiva é observar, registrar e analisar os fenômenos ou sistemas técnicos, sem conteúdo, entrar no mérito dos conteúdos.

Utilizou-se a pesquisa bibliográfica, sendo fundamentada em vários autores que tratam da temática em questão. Severino (2007, p. 122) destaca que pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados.

O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

De acordo com Lakatos e Markoni (2010) revisão bibliográfica, é o processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento em busca de resposta a uma pergunta específica. "Literatura" cobre todo o material relevante que é escrito sobre um tema: livros, artigos de periódicos, artigos de jornais, registros históricos, relatórios governamentais, teses e dissertações e outros tipos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. PROPOSTA METODOLÓGICA

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e outras linguagens

PUBLICO ALVO: 9º ano do ensino fundamental

DURAÇÃO: 6 aulas horas

RECURSOS: computador, internet, quadro pincel, data show, mesa, cadeiras, cópias do poema "OU isso ou Aquilo" de Cecília Meireles.

4.1.1 Introdução: A adolescência e seus aspectos conceituais

A etimologia da palavra adolescente vem do latim ad, que significa para e, olescere, significando crescer; ou seja, "crescer para". Outros termos são associados a esta fase do desenvolvimento humano, tais como: crise da adolescência, ruptura, crescimento, descobertas, oportunidades, iniciação, incertezas, esperanças e formação da personalidade (BECKER, 1994).

A conceituação da adolescência se apresenta, basicamente, entre duas tendências:

- A adolescência é um processo de natureza mais individual, enfatizando os aspectos biológicos e psicológicos;
- A adolescência é um fenômeno criado e sustentado culturalmente, enfatizando os aspectos sociológicos, antropológicos e mesmo políticos e ideológicos.

Este momento de gradativa saída do mundo privado (familiar) para o mundo público (amizades), em busca de autonomia, é então dinâmica comum a todos, como comum são as características mencionados, no entanto, alguns adolescentes podem estar mais propensos e sensíveis ao envolvimento com situações de risco (SUDBRACK; DALBOSCO, 2005).

As mudanças relacionadas à fase da adolescência afetam ao adolescente e a todos ao seu redor. Há uma crise de identidade que leva o adolescente em busca de identificações, padrões de comportamento, geralmente, diferentes daqueles que seus pais e familiares representam, pois há enorme necessidade de pertencer a um grupo e de se inserir em determinados contextos sociais (SUDBRACK; DALBOSCO, 2005).

Mudanças relacionadas ao desenvolvimento biológico, relativas ao crescimento físico, em especial à maturação sexual, são marcantes e significativas. Trata-se do fenômeno da puberdade, que constitui a referência da entrada na adolescência (SUDBRACK; DALBOSCO, 2005).

As transformações físicas constituem uma pequena parcela dos problemas a serem resolvidos pelo adolescente e sua família, o que inclui a escola. Este é o momento em que "a redistribuição do poder se coloca muito intensamente. O poder decisório dos pais entra em declínio. Como adultos não lhes cabe mais a última palavra" (SOUZA, 1997).

O Adolescente tem necessidade de contestar os valores estabelecidos e quanto mais seus pais ou responsáveis se mostram exigentes, mas os adolescentes contestam (SOUZA, 1997).

Entrar no mundo dos adultos, que ao mesmo é desejado e temido, significa para o adolescente a perda definitiva de sua condição de criança e busca de pertencimento, de recuperar sua história, testar a solidez de suas referências de autoridade, para então ampliá-las e conduzir o seu processo de separação e individuação (SOUZA, 1997). Nesta dinâmica observa-se um paradoxo existencial de dependência versus autonomia.

Vale comentar que o processo da adolescência dos adolescentes de classe média e de baixa renda se dá de forma diferente. O adolescente de baixa renda não tem tempo para "ser adolescente", porque logo assume a responsabilidade do trabalho ou das tarefas domésticas. Não dispõe de condições materiais para experimentar a adolescência enquanto um período de descomprometimento com o processo produtivo e de preparação para a idade adulta (FISHMAN 1996).

No Brasil o fenômeno da adolescência apresenta adolescentes que pelas condições econômicas baixa de suas famílias ficam impedido de viver esta etapa do desenvolvimento, sendo obrigados a uma inserção precoce no mercado de trabalho. (AHRENS, 1997).

Há inversão de papéis no funcionamento familiar, onde os filhos adultos sustentam os pais, acarretando em prejuízo psicológico e social por conta desta queima de etapas do desenvolvimento. Nas classes média e alta, a condição adolescente tende a prolongar-se em função das expectativas de uma formação profissional cada vez mais exigente e especializada (MARQUES, 2000). Cabe a escola tentar amenizar as diferenças sociais de forma criativa e motivadora.

As questões existenciais do adolescente são respondidas para eles, na maioria das vezes pelas amigadas, as chamadas tribos. Na busca pela independência, há também a busca pelo pertencimento a um grupo. Observa-se grande valorização da imagem que introjeta de si mesmo, da imagem que os outros tem dele e da imagem que ele pensa que os outros fazem dele (SUDBRACK, DALBOSCO, 2005).

Para sentir-se um cidadão, ou seja, para sentir-se sujeito de direitos e se assumir enquanto sujeito de deveres é fundamental o sentimento de pertencer a uma comunidade. O grupo de pares ocupa posição primordial, na medida em que, o sentimento evocado de pertencimento a um grupo detém importante papel (SUDBRACK, DALBOSCO, 2005).

É no sentimento de pertença que se alicerça a autonomia. Como nos ensina muito bem, a conquista da autonomia é um processo complexo que, paradoxalmente, implica em muitas dependências (MORIN, 1996). Na origem etimológica, do termo "autonomus" significa ser capaz de dar as leis a si próprio. Vale comentar que a escola é um dos principais ambientes onde se vivencia experiências sociais, interagem com seus semelhantes e constroem sua noção de pertencimento.

A psicanálise ensina que só é possível a introjeção das normas a partir de uma relação afetiva positiva com as figuras de autoridade, vividas desde a infância. Na adolescência, este processo atinge o seu auge no momento em que o precisa ampliar suas referências, projetando-se dos valores da família para aos valores da sociedade, para se reconhecer inserido (BECKER, 1994).

O sucesso desta inserção social dependerá das bases construídas na infância que possibilitarão a separação da família. Aqueles que não tiveram oportunidade de vivenciar uma referência de autoridade positiva terão dificuldade em introjetar as regras e as leis com consequentes problemas respeitar os limites (SUDBRACK, DALBOSCO, 2005).

A identidade é uma construção relacional e dinâmica de caráter relacional. Há também uma função social da adolescência, traduzida na maneira peculiar do adolescente olhar o mundo, havendo um choque entre o velho e o novo, entre passado e presente e entre as regras estabelecidas, a possibilidade e necessidade de transgressão (SUDBRACK, DALBOSCO, 2005).

O desafio imposto é de dar conta da complexidade desta fase da vida. A concepção da adolescência enquanto fenômeno relacional aponta para implicações fundamentais para as ações educativas relativas a esta faixa etária. Portanto, a

adolescência envolve uma série de significados paradoxais e controversos que precisa que o docente compreenda sua complexidade.

4.1.2 Problematização: A dicotomia da adolescência

Em “Reencontro com a Esperança” (1999). Andrei, propõe a existência da dicotomia **Criança – flor**, dicotomia esta, rica em paralelismo e significado para a vida em sua dinâmica final. Afirma que a flor é a criança do reino vegetal e como toda criança é linda, qualquer que seja sua origem e cor, desde que tratada com o mesmo carinho e desvelo. A flor, como qualquer criança, evoca pureza e fragilidade, mas também a teimosia de brotar no meio das adversidades, para alegrar a vida em torno de si podendo, tanto uma quanto a outra, surgir na beira da estrada, correndo o risco de ser pisada por um caminhante distraído e apressado.

Ambas, a criança e a flor pelo seu encanto natural e, principalmente, sua razão de ser, que é de garantir a continuidade da vida, deveriam merecer os melhores cuidados e condições de desenvolvimento: a flor, brotando de uma planta sadia, e a criança, crescendo dentro de uma família bem estruturada e que a queira de verdade. (ANDREI, 1999).

Muitas vezes, porém, a flor e, mais amiúde, a criança, nascem sem serem desejadas, entram na vida quase que por acaso, parecem atrapalhar, são tratadas mal ou mesmo jogadas fora. Inúmeras flores e criança se perdem e desaparecem como se jamais tivessem existido, se tiverem sorte, serão encontradas, ou por uma criança que acolha a flor jogada, ou por um adulto com alma de criança, que acolha seu pequeno semelhante desamparado (ANDREI, 1999).

Andrei questiona o porquê de proteger, cuidar e salvar as flores e explica que elas são as verdadeiras guardiãs da vida e que se imaginar um mundo sem flor se terá a visão de uma terra virando deserto. Do mesmo modo, a criancinha, nascida num palácio em berço esplêndido ou debaixo de uma ponte envolta em trapos, é a grande e única garantia de perpetuação da humanidade. Se se imaginar um mundo sem crianças aparecerá a imagem de um futuro envelhecido; morrendo.

Para o autor a flor e a criança têm um brilho intenso, mas fugaz. Sua trajetória é curta, não se pode mantê-las para sempre e acabam; a flor, em poucos dias ou semanas e a infância humana em poucos anos. Na dinâmica da vida, elas acabam

para se poder alcançar o estágio final do desenvolvimento; nas plantas, o fruto, nos homens, o ser adulto.

Essa passagem não é repentina nem suave, entre a infância e a maturidade existe **a fase do fruto verde** nas plantas e da adolescência para os homens, fase cheia de perigos e dificuldades. É nos pequenos frutos saídos da flor que os insetos daninhos fazem seu nefasto trabalho, contaminando o interior, o que só aparecerá quando os frutos apodrecerem (ANDREI, 1999).

Os pequenos frutos verdes são como os filhos quando deixam de ser criança: não têm defesa própria diante dos agentes que lhes querem instilar a degradação e a doença. As pequenas manchas e furinhos nas frutinhas verdes, como são pequenas passam despercebidas ao jardineiro ou aos pais desatentos e despreparados, porem o ma jál se instalou e acompanhará o crescimento dos frutos e dos jovens (ANDREI, 1999).

A dicotomia **criança – flor** passa a ser **fruto verde – adolescente**. O fruto verde já tem tamanho de fruto maduro, porém é duro, sem sabor e as vezes intragável, comenta Andrei. De maneira similar evolui a adolescência, em ambos os casos se processa uma a transformação contínua até se chegar à fase adulta; “proveitosa” caso os perigos tenham sido evitados ou afastados, “danosa”, se o começo da maturação foi descuidado (ANDREI, 1999).

Os frutos em formação e os adolescentes não têm personalidade específica como tem a infância e a maturidade. A adolescência tanto nos frutos como nos homens, é uma fase transitória de maturação, sem responsabilidade nem utilidade própria, mas vital para a futura vida útil. A dicotomia, porém, não é mais perfeita porque a dinâmica vegetal é diferente da humana. Nos vegetais, a quantidade compensa as perdas (ANDREI, 1999).

Nos homens não há a abundância e a fertilidade dos vegetais. Cada árvore dá centenas de frutos, cada casal, principalmente nos dias de hoje, tem um ou dois filhos. Cada adolescente, cada criança é, portanto, importante e essencial. Se um recém-nascido, alerta o autor, for abandonado ou pertencer a uma família que não mereça pátrio poder, deve ser recolhido e, de preferência, adotado. Se, no começo da adolescência, aparecer sinais de desencaminho, devem ser tomadas as medidas possíveis pelos pais e pela sociedade (ANDREI, 1999).

O início da adolescência é o período que requer mais atenção. Dela pode depender todo o futuro de uma pessoa. Do ponto de vista físico e biológico, a criança

ganha para toda a vida os caracteres do adulto, mas, psicologicamente permanece ainda criança. A voz é mais grossa, mas o riso e o choro continuam infantis (ANDREIA, 1999).

Os filmes de aventuras e as revistinhas são os preferidos, mas, escondido satisfazem suas curiosidades sobre as manifestações adultas. Adoram sorvete de chocolate, mas morrem de vontade de provar um cigarro ou uma bebida mais forte (ANDREI, 1999).

Vão regularmente ao culto religioso porque os pais exigem, mas entre eles, rolam as piadinhas picantes e a abundância de palavrões. Precisam de um abraço de mãe e sentam em seu colo, mas já trocaram os primeiros beijos de namoro. Adoram os pais e aceitam ser por eles protegidos e mimados, mas dão, facilmente crédito as pessoas que lhes dizem que os velhos são ultrapassados e que há muitas coisas boas que eles não conhecem. Esta fase é sem dúvida crucial para o desenvolvimento humano e nela se definem como será a pessoa adulta (ANDREI, 1999).

Os pais e entidades que lidam com adolescentes, ou mesmo, pré-adolescente se perderem de vista as manifestações precoces e os pequenos desvios de conduta, em pouco tempo estarão diante de um adolescente incontrolável ou de um adulto desajustado (ANDREI, 1999).

Andrei aponta os perigos que rondam essa fase e comenta que nem a Psicologia ou a Pedagogia apresenta receitas infalíveis. "... A flor, uma vez fecundada, deixa de ser a criança do reino vegetal e começa a transformação em fruto. Quando fecundada na época imprópria, o fruto sai ruim e não amadurece, da mesma forma a menina que ao iniciar a maturidade engravida, o filho não será fonte de alegria, mas de dor e de dificuldades..."

Oferecer aos adolescentes responsabilidades domésticas e sociais da família é uma sugestão eficaz, mas tomando cuidado para que estas não sejam tão somente imperativas de obrigação, tendo em vista que o ser humano, em geral, não aceita bem se sentir obrigado, e os jovens muitos menos. Deverão então estar assumindo responsabilidades, o que causa plena realização no ser humano. Deverá estar a par das dificuldades enfrentadas pela família a partir dos 8-9 anos, o que ajudará neste processo de conscientização quanto as responsabilidades. Isso não implica na nódia do trabalho infantil, comum nos meios economicamente mais carentes, o que desfigura a infância e afasta da escola (ANDREI, 1999).

Atividades extracurriculares tais como: música, artes marciais, esportes, literatura, ciências e o aprendizado de ofícios como eletrônica, marcenaria, agricultura, jardinagem e uma gama de muitas outras possibilidades como dança, bordado, arte culinária, moda, enfim, apresentam auxílio profícuo para o desenvolvimento, como também na identificação das tendências vocacionais. Ressalta-se também o escotismo, o excursionismo e associações culturais regionais (ANDREI, 1999).

A característica dominante da juventude é o idealismo”, o sentido heroico da vida e o enfrentamento corajoso de obstáculos. Os adolescentes são, por tal, devoradores de livros, filme, fitas de vídeo game de luta e aventuras... Ideologia político-social mais exaltada tem seus fanáticos seguidores entre os jovens como também a mesma tentação para o vício e a delinquência, tem como suporte o enfrentamento e a existência de uma liderança carismática (ANDREI, 1999).

Encaminhar, desde a puberdade para atividades sadias, os manterá longe dos vícios, do imobilismo, das tentações apresentadas como caminho da luz, numa disputa com os maus caminhos, vista que quanto mais perniciosos mais atraentes são, seria a solução. A educação religiosa também é muito importante para a formação sadias das crianças e adolescentes. Vale lembrar que logo na puberdade se faz necessária a educação sexual (ANDREI, 1999).

Os pais não são mais os heróis infalíveis da infância, mas se a relação predominante com os filhos for de amor e dedicação, alicerçarão a confiança e seus conselhos terão peso. Encaminhando o adolescente para ajudar irmanamente crianças carentes, orfanatos e o semelhante desafortunado, certamente fará com que não dê ouvidos às tentações destrutivas, tornando-se, desde cedo, num cidadão ativo (ANDREI, 1999).

Andrei conclui dizendo que a criança e ao adolescente são tão frágeis, mas não tão numerosos como as flores. Cada garoto ou garota que se perde no caminho é uma perda irreparável para o futuro da humanidade, para a próxima e todas as vindouras.

4.1.3 Justificativa: Um olhar docente para a formação integral do aluno

A configuração contemporânea da escola e à docência - A escola foi dando sinais de mudanças em sua configuração. O histórico do modelo tradicional de educação escolar se mostra configurado no professor como o detentor do

conhecimento e os alunos como ouvintes passivos com a tarefa de memorizar os conteúdos ensinados (LIBÂNEO, 1998).

Na atualidade, devido a transformações sociais e avanços tecnológicos, o processo ensino escolar se modificou e o professor passa a atuar no papel de mediador do conhecimento. O trabalho docente é atividade da unidade ensino-aprendizagem, pelo processo de transmissão-assimilação ativa de conhecimentos, realizando a tarefa de mediação na relação cognitiva entre o aluno e as matérias de estudo (LIBÂNEO, 1998). Desta forma, o professor é o incentivador e orientador da aprendizagem, proporciona aos alunos iniciativa e autonomia na construção de conhecimento.

Nessa configuração acima exposta o professor ensina a teoria e o aluno aprende e assimila os conteúdos para colocá-los em prática. No entanto, observa-se que conteúdos programáticos não transformam o mundo, é preciso que ela seja assimilada por quem irá colocá-la em prática, efetivando ações concretas que gerem transformação.

A docência e a pré-formação profissional - No ambiente escolar da Educação básica, que compreende o Ensino Fundamental e Médio, se constrói o conhecimento sobre assuntos importantes e diversos, formado assim, a base do saber do indivíduo (LIBÂNEO, 1998). Mas, figura também como pré-formação profissional, visto que, aponta gradativamente para uma escolha profissional.

Ao longo da Educação Básica, em meio as disciplinas, o aluno se inteira de temas que envolvem o mundo oportunizando identificação com áreas específicas, o que vai delineando projeto de vida e a carreira a seguir. Portanto, compreende-se que o processo descrito conta com a participação e mediação do professor para formar um repertório de conhecimentos a serem colocados em prática, sendo um referencial, influenciando formas de agir e de pensar do futuro profissional.

O docente como agente social - O conhecimento é construído na relação com a mediação do professor no ambiente escolar que também é um ambiente social, sendo assim, é um ambiente que concede ao aluno espaço para sua expressão e seus questionamentos permitindo o desenvolvimento de habilidades intelectuais e autônomas. Nesta dinâmica o professor desempenha um papel informador e também formador para a prática social, para compreender a estrutura e o funcionamento da sociedade, de modo a redefinir as ações futuras, buscando e realizando melhorias para o mundo (YOUNG, 2007).

A educação, enquanto pilar da sociedade, tem o professor como agente formador de cidadãos aptos a atuar na sociedade, munidos de conhecimento e habilidades fundamentais. O papel do professor como mediador nos processos de elaboração do conhecimento é primordial para que a educação evolua e sirva ao seu propósito social. O trabalho docente é a base da formação escolar e contribui não só com o desenvolvimento dos alunos, mas com o progresso da sociedade em geral, utilizando o conhecimento e a educação como instrumento.

Além de ensinar os conhecimentos historicamente acumulados, deve estimular o aprimoramento e a construção de novos saberes, desenvolvendo uma relação igualitária com os alunos enquanto membros da sociedade (YOUNG, 2007).

A Formação Humana Integral - além da formação informativa do âmbito intelectual, o professor contribui para a formação e o desenvolvimento do aluno enquanto indivíduo e membro da sociedade.

Segundo Libâneo (1998), são três os objetivos da escola:

- A preparação para o processo produtivo e para a vida em uma sociedade técnico-informacional. A escola deverá preparar o indivíduo para o mundo do trabalho, inseri-lo no meio tecnológico, capacitá-lo para a compreensão e uso das novas tecnologias, bem como promover a sua formação sociocultural.
- Formação para a cidadania crítica e participativa, aponta para a formação de um aluno capaz de exercer a cidadania, compreender e aplicar os direitos de cada indivíduo, ser crítico e participar dos processos de transformação da sociedade, opinando, interferindo positivamente.
- Formação ética aponta para uma formação ética, que compreenda os valores morais, a ideia de limites, certo e errado.

As primeiras relações sociais são desenvolvidas no ambiente escolar e são mediadas pelo professor, que orienta e configura a adaptação dos alunos ao meio social. Para que isso seja possível, é preciso que haja afetividade, um vínculo entre o professor e os alunos, uma relação de confiança e afeto, para aprenderem a interagir, se comunicar e desenvolver empatia.

A afetividade é fundamental para a educação, pois essa relação permite a aprendizagem emocional e a social, que englobam todos os aspectos da vida, não só o acadêmico. Além disso, o desempenho cognitivo é muito mais eficiente com a afetividade, pois ela motiva os alunos e gera uma aprendizagem mais significativa.

Por ser uma das figuras mais próximas dos alunos, ele costuma ser tido como modelo e referencial para os jovens, que o admiram por sua inteligência e os inspiram a ser como ele. A importância e atitudes do professor influenciam e fazem a diferença na vida dos alunos, tanto acadêmica quanto pessoal, pois:

- Encoraja.
- Ajudar na resolução de problemas.
- Incentiva, motiva e estimula.
- Orienta nas dificuldades.
- Dá espaço para se expressar, perguntar, argumentar.
- Considera o esforço dos alunos.
- Está sempre o pronto para responder aos questionamentos e às dúvidas.
- Respeita a individualidade.
- Preocupa-se genuinamente com o aluno.
- É comprometimento com seu trabalho.
- Esforça-se para oferecer o seu melhor e garantir a aprendizagem.

O professor auxilia na aprendizagem de competências socioemocionais, que englobam aspectos comportamentais e relacionais, fundamentais para as relações humanas em geral. O professor é capaz de influenciar positivamente seus alunos, para gerar interesse e engajar seus alunos, fazendo com que eles se sintam motivados a buscar conhecimento e seguir seus sonhos.

4.1.4 Objetivos, conteúdos, metodologia e atividades

Objetivo geral: Promover reflexão quanto às escolhas positivas e negativas na fase da adolescência.

Objetivos específicos: Exercitar a oralidade por meio de debate em mesa redonda.

- Desenvolver a interpretação textual por meio da compreensão da poesia.
- Estimular o gosto pela leitura literária.
- Chamar a atenção dos alunos para as obras de Cecília Meireles.
- Aguçar o senso crítico reflexivo do alunado adolescente.

Conteúdo: O poema *Ou isto ou aquilo*, incluído na obra que leva o mesmo nome, publicada em 1964, é uma das maiores criações de Cecília Meireles (1901-1964) e fala sobre a dificuldade de escolhermos entre duas (ou mais) opções, visto que toda escolha significa uma perda, e essa é a difícil conclusão que a poeta brasileira apresenta para as crianças.

*Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!*

*Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!*

*Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.*

*É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!*

*Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.*

*Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!*

*Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.*

*Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.*

4.1.5 Metodologia

- Aula expositiva dialogada.
- Acompanhamento nas atividades propostas.
- Mediação de debate com comentários completos.

Atividades assimilativas: declamação dramatizada da poesia *Ou Isto ou Aquilo* de Cecília Meireles.

Atividades de avaliação: mesa redonda (em equipes que debatem o assunto adolescência e suas escolhas tendo como pano de fundo a poesia "Ou isso ou aquilo").

Passos:

1. Montar as equipes.
2. Definir o tema.
3. Planejar a programação.
4. Escolher um moderador para orientar a discussão para que se mantenha em torno do tema principal.

A mesa redonda, na escola, também é definida como uma reunião em torno de um interesse específico, ou seja, para discutir sobre determinado assunto para extrair experiências e pontos de vista. Durante esta reunião de caráter oral, organizada e orientada por um moderador, é debatida uma temática ou uma matéria por meio de comunicações verbais.

5. CONCLUSÃO

Para a conclusão deste trabalho de conclusão de curso (TCC), partiu-se das seguintes reflexões: As exigências contemporâneas apontam para novas configurações nos modelos educativos, entender qual o papel e objetivo maior da educação são questões desafiadoras e nos confrontamos com uma educação em questão, no qual muitas são as discussões e poucas as soluções. Assim, a perspectiva de um novo olhar sobre a educação é um ponto de partida importante para o sucesso quanto formação plena dos alunos.

A formação integral do aluno é apresentada nos documentos de ensino (LDBs), mas talvez ainda só esteja no papel. Portanto, para que a educação formal possa se basear na formação plena e para a cidadania, preparação para o mercado de trabalho, bem como para a vida, é preciso comprometimento docente.

Na fase adolescência, em especial, se faz necessário um olhar doente para o educando como um ser em construção, que necessita de formação e mediação aos diversos saberes, bem como dos seus professores. Portanto, é imprescindível, conhecer e, entender e acompanhar a dinâmica e dicotomias da adolescência, momento que pode decidir o resto da vida de uma pessoa, conforme as suas escolhas.

É preciso refletir as práticas educativas, planejar ações didáticas eficientes. Nessa direção, ao se tratar da literatura infanto-juvenil, há uma riqueza imensa de obras direcionadas a essa faixa etária, envolvendo temas do cotidiano e da transição que estão enfrentando. Afirma-se que a literatura para o público infantil e adolescente é capaz de lapidar o imaginário e auxiliar na compreensão do mundo, na solução dos conflitos internos que parem em cada indivíduo desta idade (entre 13 e 16 anos, mais ou menos).

Vale ressaltar também que a classe de leitoras precisa receber estímulos, e depois de estimulada, pode render outros leitores. Esse estímulo há algum tempo atrás, era direcionado as crianças e adolescentes pelos próprios pais, no entanto, chegou-se há um tempo, em que esse estímulo foi afetado pelas classes sociais e pela tecnologia.

É importante considerar que o professor semeia, cultiva e realmente trabalha para fazer brotar em cada um de seus alunos o gosto e a competência ou habilidade significativa para a leitura e escrita e para a vida.

Conclui-se através desse estudo que a literatura infantojuvenil, em especial neste estudo, as poesias de Cecilia Meireles, com certeza pode figurar como uma ferramenta metodológica eficiente para pautara a questões existenciais desta fase, no ensino fundamental, proporcionando da leitura do mundo, levando a interpretações que favorecerão na transformação da realidade.

REFERÊNCIAS

- ANDREI, Decebal Corneliu. **Reencontro com a Esperança (1999)**. EDUEL. Londrina: Paraná. 1999.
- AHRENS, M. H. **Da Desigualdade à Diferença, do Singular ao Plural, Gênero e Identidade na Adolescência**. Teses de Mestrado em Psicologia, UnB (1997).
- AZEVEDO, Ricardo. **Aspectos da literatura infantil no Brasil, hoje**. Belo Horizonte -. Revista Releitura. N° 15. 2000.
- AZEVEDO, Ricardo. **Caminhos para a formação o leitor**. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) São Paulo, DCL, 2004.
- BECKER, D. **O Que é Adolescência**. São Paulo, Brasiliense, 13ª edição Curso de Formação em Prevenção do Uso Indevido de Drogas para educadores de Escolas Públicas (2004). SENAD/MEC/UnB, volumes 1 e 2 (1994).
- CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In:_____ Vários escritores. 3. Ed., revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. P. 235-263.
- CEREJA, Thereza Cochar; MAGALHÃES, William Roberto. **Literatura Brasileira – Em diálogo com outras Literaturas e outras Linguagens**. São Paulo: Atual Didática, 2005.
- COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinara compreender**. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagem**. São Paulo, Quíron, 1980.
- COUTINHO, Afrânio. **Que é literatura e como ensiná-la**. Notas de teoria literária. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p.8-15.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 1987.
- CURIA, Denise Fonseca dos Santos. **A Literatura Infanto-juvenil na Contemporaneidade: um outro olhar para o literário em sala de aula**. Revista Thema 2012.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. Tradução Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1986. Sobre a literatura. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, literatura infantojuvenil e educação**. Londrina: EDUEL, 2007.

FERREIRA, Fabio. 2020. **Análise do poema Ou isto ou aquilo**. 2020. Disponível em: <https://fabioferreira42245227.wordpress.com/2020/10/02/analise-do-poema-ou-isto-ou-aquilo-de-cecilia-meireles/analise-do-poema-Ou-isto-ou-aquilo-de-Cecília-Meireles>. Acesso em 28 de jul.de 2021.

FISHMAN, H. C. **Tratando Adolescentes com Problemas**. Porto Alegre, Artes. 1996).

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IGEL, Regina Source. **Água e morte na poesia de: Cecilia Meireles**. Letras Femeninas, Vol. 1, No. 1(Primavera de 1975), pp.61-69. Disponível em: Published by: Asociacion Internacional de Literatura y Cultura Femenina HispanicaStable URL: Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23066471>. Acesso em 28 de jul. de 2021.

LAGAR, Fabiaba; SANTANA, Bárbara Beatriz de; DUTRA, Rosimeire. **Conhecimentos Pedagógicas para Concursos Públicos**. 3. Ed. – Brasília: Gram Cursos, 2013.

LAKATOS. Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas,2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Perspectivas de uma pedagogia emancipadora face às transformações do mundo contemporâneo**. (Dissertação) Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento, UFSC, Florianópolis, 2011. Revista Pensar a Prática, Goiás, v. 1, p.1-22, jan./jun. 1998b.

MAGALHÃES, Luzia Eliana Reis. **O trabalho científico: Da pesquisa à monografia**. Curitiba: Fest, 2007.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar, 2004. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1977.

MEIRELES, Cecília. **Criança meu amor**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3a Ed. São Paulo, Summus, 1979.

MOURA, Arigésica Andrade. **A literatura infantojuvenil na prática de licenciados em letras vernáculas da UNEB: entre fios, tramas e tecituras**, 2016, 150. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2016.

MORIN, E. (1991). **O Método IV: As ideias: a sua Natureza, Vida, Habitat e Organização**. Publicações Europa-América, Portugal.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A Pesquisa e a Construção Do Conhecimento Científico: Do Planejamento Aos Textos, Da Escola À Acadêmica**. 4. Ed. São Paulo: Rêspel, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. Ed. Ver. E atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Camila V. Ramos. **Ou isto ou aquilo: uma breve análise da literatura infantil de Cecília Meireles**. 2012. Disponível em: [https:// www.revistas.usp.br /anagrama/ article/view/46362/50119](https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/46362/50119). Acesso em 28 de jul. de 2021.

SILVA, Mariana Batista do Nascimento. **Cecília Meireles: literatura e educação**. (UFU) Anais do CENA. Volume 1, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdocena/wpcontent/uploads/2014/02/cena3_artigo_31.pdf. Acesso em 28 de jul. de 2021

SILVA, Marilda. **Complexidade da formação de professores: saberes teóricos e saberes práticos [online]**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 114p. ISBN 978-85-98605-97-5.

SOUZA, A. M. Nunes. **A Família e Seu Espaço: Uma Proposta de Terapia Familiar**. Rio de Janeiro: Agir (1997).

SUDBRACK, Maria Fátima Olivier; DALBOSCO, Carla. **Escola como contexto de proteção: refletindo sobre o papel do educador na prevenção do uso indevido de drogas**. Universidade de Brasília – UnB – Brasília – Distrito Federal An. 1 Simp. Internacional do Adolescente May. 2005. Disponível em: https://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=msc0000000082005000200082&script=sci_arttext. Acesso em: 28 de jul de 2021.

YOUNG, Michael. **Para que servem as escolas?** Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez.